

O CONCEITO DE ‘CIRCUNSTÂNCIA’ E algumas implicações éticas e políticas

Prof. Sérgio Caldas*

SUMÁRIO: O uso de ‘circunstância’ relativo ao comportamento humano está presente nos meios acadêmicos sem que seu entendimento seja preciso. Os conceitos sobre quem é o homem formam-se a partir da realidade contemporânea e, vice-versa, concepções antropológicas tradicionais sustentam o “status quo”. Mostra-se que a acepção estipulada por Ortega y Gasset ao termo supra e convertida em crença pode alterar a mentalidade com significativas implicações éticas e políticas.

Introdução

A expressão *circunstância* associada ao nome de Jose Ortega y Gasset é identificada nos meios acadêmicos por muitas pessoas; poucas, no entanto, acessaram ao conceito que representa, ao significado próprio, estipulado por esse autor. Em consequência, ainda não foi devidamente avaliada sua importância teórica ou auxiliar para o entendimento e transformação do comportamento do homem com o meio ambiente, considerado aqui em sentido amplo, vale dizer, em seus aspectos naturais e histórico-culturais.

São próprias do nosso tempo as preocupações, por exemplo, com o efeito estufa, com a redução da camada de ozônio, com a poluição e as chuvas ácidas, com a redução da diversidade biológica, degradação de solos, desertificação, enfim. Não menos nocivos, de risco à vida do homem são, por exemplo: uma bala perdida, a perda de valores vitais, a marginalidade cultural e social. A miséria e a fome, o desemprego que as gera e assola o planeta, requerem soluções mais urgentes que outras questões, o que denota uma certa hierarquia de importâncias.

Sob outra perspectiva, o cenário contemporâneo sempre nos condiciona a contar com uma certa concepção de homem; ao mesmo tempo, algumas antropologias elaboradas na história sustentam o estado de coisas vigentes, reforçam a situação estabelecida; propagam o desânimo e o conformismo. Significa dizer que de modo implícito, inconsciente e, talvez por isso, tão forte, mantém o “status quo” uma certa consciência de si do homem.

A teoria de Ortega mostra-se interessante porque transforma os modos consagrados de ver a si do homem e atende a vocação da atualidade, englobando, com coerência e sistematicidade, os componentes que cercam e envolvem o homem deste final de século.

É neste referencial que buscamos reunir as diversas abordagens feitas pelo autor mencionado, espalhadas em sua vasta obra, com vistas a transparência e precisão do sentido de *circunstância*, relacionando esta, ainda que tangencial e brevemente, com outras expressões cujos conceitos apoiam-se mutuamente.

Por outro lado, anelamos defender o ponto de vista segundo o qual a consciência de si do homem deve ser trabalhada no sentido de uma transformação apreciável que substitua,

* Professor Adjunto da Universidade Católica de Pelotas e Professor Assistente na Universidade Federal de Pelotas.

inclusive de modo tácito, aquela que vigora e que não corresponde a vocação e os anseios dos novos tempos. Nesta ótica desejamos mostrar que o pensamento de Ortega pode contemplar, também, esta aspiração.

Esperamos, por fim, que o presente trabalho possa se constituir num instrumento de estudo, debate, irradiação e, ainda, de estímulo a ulteriores pesquisas.

O conceito de ‘circunstância’

Ortega y Gasset toma como problema fundamental a realidade desse ser que pergunta sobre tudo o que o afronta, desse ser que se extenua em encontrar sentido nas coisas.

“Ahi está el hecho previo a todos los hechos, en que todos los demás flotan y de que todos emanan: la vida humana según es vivida por cada qual. (...) Se trata de pensarla, urgentemente, según se presenta en su primaria desnudez, mediante conceptos atentos sólo a describirla y que no aceptan imperativo alguno de la ontología tradicional”.¹

Esta transcrição é importante para apreendermos o sentido que perquirimos: a questão da vida humana, que deve ser esclarecida sob a ótica da singularidade, ou seja, evitando generalizações que nos afastem do que nos mostra o dia-a-dia. Segundo esse pensador, a vida humana, a **minha vida**, denota um composto, cujo entendimento deve passar pela análise e estudo metuculoso dos elementos que o constituem, um dos quais é a **circunstância**.

Devemos estar alertas para o caráter equívoco da palavra **eu**, bem como para a proposta orteguiana de circunscrever os sentidos mediante conceitos obtidos por descrição atenta do que vemos.

Historicamente temos indagado se o nosso eu consiste em nossa alma, em nosso corpo, em nosso pensamento; a consciência dessas definições nos permite entender que a sugestão tradicional tem feito residir o eu em alguma coisa. Parece ridículo, mas as teses que têm sido apresentadas, conforme Ortega, permitem formulações de congêneres do tipo: eu sou minha memória, eu sou o que tenho, eu sou meu pensamento, eu sou meu fígado.²

Diante destas considerações damo-nos conta de que temos chamado de eu as coisas mais extravagantes e que, ainda, nos temos afastado do que chamamos de eu em nossa vida cotidiana. Nesta, observamos que o eu de cada qual se encontra com coisas de modo fatal (isto é, sem que o eu tenha interferido) ao se encontrar vivendo, sejam corporais ou psíquicas. Assim é, por exemplo, a fortuna ou a pobreza que herdou, esta sociedade que não escolheu, assim como este corpo, esta alma, a terra em que nasceu, que acenam ostensivamente à anterioridade do eu que, queira ou não, tem que viver com elas, diante delas. Nas palavras de Ortega: “Usted no es cosa ninguna, es simplemente el que tiene que vivir con las cosas, entre las cosas, el que tiene que vivir no una vida cualquiera, sino una vida determinada”.³

¹ Jose ORTEGA Y GASSET. Obras Completas, VI, p. 32. Usaremos, sempre que necessário mencionar as Obras Completas, a abreviatura O. C.. “Aí está o fato que antecede a todos os fatos, no qual todos os demais flutuam e do qual todos emanam: a vida humana segundo é vivida por cada um. (...) Trata-se de pensá-la, urgentemente, segundo se apresenta em sua primária nudez, mediante conceitos atentos só a descrevê-la e que não aceitem imperativo algum da ontologia tradicional”.

² Na Mesopotâmia o fígado era considerado o órgão mais importante do homem, cf. Enciclopédia Novo Conhecer, Vol. V, p. 214.

³ Jose ORTEGA Y GASSET, O. C., IV, p. 400. “Você não é coisa alguma, é simplesmente aquele que tem de viver com as coisas, entre as coisas, aquele que tem de viver não uma vida qualquer, senão uma vida determinada”.

O eu não é uma coisa, entendida como algo determinado. É, ao contrário, um personagem que aspira ser, um projeto, uma pretensão. “...un ente cuyo ser consiste, no en lo que ya es, sino en lo que aún no es, un ser que consiste en aún no ser”.⁴ E mais: “...de ordinário no tenemos de él sino un vago conocimiento”.⁵

Da singularidade desse personagem está sujeito o valor que na vida receberão todas nossas coisas: o corpo, a alma, a paisagem circundante e tudo aquilo que chamamos nossos em função do favorecimento ou da adversidade que lhe apõem para sua realização. Esse eu, em suma, é uma influência especial, constringedora e coercitiva sobre o mundo que, por sua vez, também responde com uma peculiar resistência.

Sob outro prisma, esse eu como pretensão ou projeto **é algo tal que não se sustenta a si, não se basta e não pode valer por si mesmo**, ou seja, é incompleto e, por isso, tem em si a exigência de buscar sua unidade em algo fora de si. Ortega explica esta índole nos seguintes termos: “Do mesmo modo pode-se definir aquele que não tem um braço, dizendo-se que é um homem com dois braços, só que lhe falta um”.⁶

Cada homem, portanto, possui um fora de si, uma periferia de elementos ou paisagem em relação com qual se comporta e com a qual busca identificar-se, de modo que ele e seu contraposto, que são heterogêneos, estrangeiros mutuamente, se façam homogêneos. A esse segundo termo ou órgão, que não somos mas em que nos encontramos irremediavelmente, o autor madrileno chama *circunstância*. “La circunstancia! Circum-stancia! Las cosas mudas que están en nuestro proximo derredor”.⁷

Nesse contorno insubstituível nos deparamos com os fatores constitutivos de nossa fatalidade: é o que nos é dado e o que encontramos. Ela forma parte do nosso ser, favorecendo ou dificultando o projeto que somos. A resposta à indagação **‘quem sou eu?’** é muito significativa: **“Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo”**.⁸

Nestes termos a vida humana se dilata, se amplia e se articula numa cadeia de visões que a descobrem como realidade única. O caráter de que se reveste, denuncia e descobre o conhecimento concreto como interpretação, isto é, o desvelamento de uma razão ou sentido das coisas, fundamentada na perspectiva vital.

Os ingredientes da circunstância do homem são referências a ele que, por sua vez, está consignado a tudo quanto há nela. Portanto, não são coisas no sentido mencionado, que, grosso modo, são por si. A circunstância é composta por assuntos nos quais está envolvido o homem e, também, por importâncias, seja um trabalho, um utensílio, uma trava. As coisas não são originalmente coisas, que como tais já são interpretações, mas algo que o homem procura evitar ou aproveitar.

Esta constituição fundamental do eu com a circunstância projeta nossa atenção as necessidades que implica: a primeira, de sustentarmo-nos em um meio que nos é alheio, desco-

⁴ Ibid., IV, p. 338. “...um ente cujo ser consiste, não no que já é, senão no que ainda não é, um ser que consiste em ainda não ser”.

⁵ Ibid., IV, p. 400. “...de ordinário não temos dele senão um vago conhecimento”.

⁶ Id., Em torno a Galileu, p. 178. Este livro não está incluído nas Obras Completas da 6ª edição onde realizamos este estudo

⁷ Id., O. C., I, p. 319. “A circunstância! Circum-stância! As coisas mudas que estão em nosso próximo contorno”.

⁸ Ibid., I, p. 322. “Eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo não me salvo eu”.

nhecido; a segunda, decorrente da anterior, é de que temos de interpretar nossa situação, “...tratar de averiguar qué es ese mundo en que braceamos naufragos y cuál es su relación com nosotros”.⁹ O que encontramos a nossa volta não nos diz, por si, o que é, de modo que somos obrigados a forjar uma idéia, sondar o que é isso. Além do caráter necessário de sabermos em que nos ater, para Ortega, “el hombre rinde el máximo de su capacidad cuando adquiere la plena conciencia de sus circunstancias. Por ellas comunica com el universo”.¹⁰

Quando nos percebemos caídos na circunstância, esta já se nos afigura com diversos componentes interpretados, com respostas que antecedem as nossas perguntas sobre o que certas coisas são. Já estavam manifestas como pensamentos ou convicções de uma época. Logo, são constitutivas de nossa fatalidade. E como não fomos os construtores dessas interpretações, não as tomamos como interpretações, senão como pura realidade, e nossa relação com elas se estabelece na forma de *crença*, como denomina Ortega, isto é, na forma de um **contar com** esses dados. Assim, não os questionamos, não pensamos sobre ou a respeito deles, senão que contamos com eles. É oportuno observar que a compreensão que se tem de um sujeito - seja um homem, um povo, uma época - é ampliada, quando identificamos o repertório das crenças que o acompanha.¹¹ A questão da ideologia, em certo sentido, pode ser refletida dentro desse quadro teórico. Não é este o nosso objetivo do momento.

Conscientes ou não, achamo-nos instalados nessa rede de soluções prontas para os problemas de nossas vidas. Além disso, como sempre nos encontramos com determinadas convicções, estas fazem com que nossa circunstância caótica seja revestida da verdade de um mundo ou universo. Integram nosso contorno a instância material, a social e a psicológica. Fazem-lhe parte a data em que nascemos, o país, o universo. Escreve Ortega y Gasset:

“Mas qué son las circunstancias? Son sólo estas cien personas, estos cincuenta minutos, esta menuda cuestión? Toda circunstancia está encajada en outra más amplia; por qué pensar que me rodean sólo diez metros de espacio? Y los que circundan estos diez metros? Grave olvido, mísera torpeza, no hacerse cargo sino de unas pocas circunstancias, cuando en verdad, nos rodea todo!”¹²

Circunstância, frisamos, é tudo aquilo com que nos temos de haver para realizar a pretensão que somos, sem que se nos permita escolher ou aderir antecipadamente. Neste sentido, “*esse mundo o circunstancia en que me encuentro sumido no es solo el paisaje que me rodea, sino también mi cuerpo y también mi alma*”.¹³

Corpo e alma, com efeito, são os ingredientes mais próximos ao eu que cada qual somos, mas estão fora deste e integram seu destino. Na verdade não é sempre fácil conviver

⁹ Ibid., V, p. 470. “...tratar de averiguar que é esse mundo em que braceamos náufragos e qual é sua relação conosco”.

¹⁰ Ibid., V, p. 470. “o homem rende o máximo de sua capacidade quando adquire a plena consciência de suas circunstâncias. Por elas comunica com o universo”.

¹¹ Desconfiamos que é por este sentido que se desenvolvem, especialmente na França, novos modos de estudar os objetos da História, sob o nome de História das Mentalidades. Destacam-se naquele país, dentre outros, Jacques Le Goff e Michel Vovelle. No Brasil, Hilário Franco Júnior tem adotado o mesmo método ou postura. Esta observação tem apenas o caráter de provocar novos rumos de estudo e pesquisa.

¹² Ibid., I, p. 563. “Mas que são as circunstâncias? São apenas estas cem pessoas, estes cinquenta minutos, esta miúda questão? Toda circunstância está encaixada em outra mais ampla; por que pensar que me rodeiam apenas dez metros de espaço? E os que circundam estes dez metros? Grave esquecimento, miserável estupidez, não se dar conta senão de umas poucas circunstâncias, quando em verdade, nos rodeia tudo”.

¹³ Ibid., V, p. 339. “esse mundo ou circunstância em que me encontro implantado não é só a paisagem que me rodeia, senão também meu corpo e também minha alma”.

com nosso corpo, seja ele bonito ou feio, sadio ou enfermo.

Não há contradição na convivência da determinação da circunstância com a escolha e decisão que compete ao eu. O repertório de fatalidades que o contorno oferece a cada instante, a possibilidade de que se faça isso ou aquilo, vale dizer, o próprio decidir exige a simultaneidade de limitação e liberdade.

“Para sostenerse en esa circunstancia tiene que hacer siempre algo - pero esse quehacer no le es impuesto por la circunstancia, como al gramófono le es impuesto el repertorio de sus discos o al astro la línea de su órbita”.¹⁴

As relações entre o eu e a circunstância possuem uma anatomia ou organização que o filósofo de Espanha expõe em quatro leis, que são conformes com o sentido dinâmico que confere ao conceito, a sua concepção de história e a sua Teoria do Conhecimento.

De acordo com Ortega, os elementos que compõem a circunstância se mostram de um a um e cada componente é constituído de um presente e um compresente: “...la manzana que Eva presenta a Adán es la misma que Adán ve, halla y recibe?”.¹⁵ Por certo, Adão ficaria surpreso se recebesse das mãos de Eva o que tivesse visto, isto é, meia maçã. Sempre vemos apenas um hemisfério de uma maçã. A presença daquilo que vemos, a integralização do que se nos oferece parcialmente é resultado de uma experiência acumulada que nos permite contar com o que não se tem à vista. É um saber que se converteu em habitualidade. A faculdade de ver a realidade integral é o conceito, isto é, sem o conceito nada vemos com plenitude. Presente e compresente são noções que alcançam, por extensão, as de atualidade e habitualidade, respectivamente, e que nos fazem convergir para a primeira lei da estrutura da circunstância ou mundo:

“...el mundo vital se compone de unas pocas cosas en el momento presentes e innumerables cosas en el momento latentes, ocultas, que no están a la vista pero sabemos o creemos saber”.¹⁶

A segunda lei explicita que cada coisa patente se destaca sobre outras, que formam um fundo que permite a saliência daquela: “El mundo en que tenemos que vivir posee siempre dos términos y órganos: la cosa o cosas que vemos con atención y un fondo sobre el cual aquellas se destacan”.¹⁷

Enquanto que o primeiro termo é advertido, o segundo, que Ortega denomina *horizonte*, embora sendo algo que vemos, que está aí para nós, tem sua presença em forma de desatenção. *Contorno* é o termo que designa a porção do mundo que abarca o patente, o latente e o horizonte, e denuncia uma outra dimensão, a que se situa além do horizonte. Esta, por sua vez, é uma imensidade latente, em cada momento determinada, feita de puras presenças, de coisas que

¹⁴ Ibid., II, p. 23. “Para sustentar-se nessa circunstância tem que fazer sempre algo - porém esse que-fazer não lhe é imposto pela circunstância, como ao gramofone é imposto o repertório de seus discos ou ao astro a linha de sua órbita”.

¹⁵ Ibid., VII, p. 117. “...a maçã que Eva apresenta a Adão é a mesma que Adão vê, supõe e recebe?”.

¹⁶ Ibid., VII, p. 119. “...o mundo vital se compõe de umas poucas coisas no momento presentes e inumeráveis coisas no momento latentes, ocultas, que não estão à vista porém sabemos ou cremos saber”.

¹⁷ Ibid., VII, p. 120. “O mundo em que temos que viver possui sempre dois termos ou órgãos: a coisa ou coisas que vemos com atenção e um fundo sobre o qual aquelas se destacam”.

vimos ou que temos possibilidade de ver, mas que são impedidas por nosso contorno.¹⁸

Embora o vocábulo *ver* remeta-nos à faculdade dos sentidos, o pensador ibérico o emprega com significado mais abrangente. Efetivamente os objetos dos sentidos oferecem uma forma de presença mais incisiva, além de corresponderem a uma primeira face do nosso contorno e a um grau de hipótese importante relativo à realidade. Mas todas as qualidades das coisas, chamadas sensíveis, são o que são referidas a nós, são sinais para a conduta de nossa vida.

Desde o ponto de vista radical da circunstância, a forma decisiva de nosso trato com as coisas é o tato, uma vez que nele o corpo com que tocamos e o corpo que tocamos apresentam-se inseparáveis e não como um fantasma, alheio a nós, como na visão e na audição. A primazia do tato conforma-se à tese de que o corpo é um dos componentes da circunstância mais próximos ao nosso eu que, em vista disto, reveste-se da condição de ser um personagem espacial, nada onipresente.

Estas considerações nos colocam no centro da terceira lei estrutural, que é a afirmação de que o mundo é uma perspectiva. Por essa lei se justificam o próximo e o distante, o aqui e o acolá; também apontam as razões pelas quais o mundo aparece como uma vertente inesgotável e histórica de aspectos. O fato de ter o homem o corpo como ingrediente de sua circunstância determina que todas as coisas do mundo estejam situadas em relação a ele, inclusive as que não são corpóreas, as quais, no entanto, têm de se manifestar por meio de corpos. Desta forma, as coisas se agrupam em regiões espaciais no mundo, que são designadas por nós como Norte, Oriente, de nosso lado, acima de nós. São interpretações imaginárias, com as quais a mente do homem se exercita diante e entre as coisas do mundo.¹⁹

É oportuno frisar que a palavra *coisa*, quando usada para referir um componente da circunstância, reveste-se do significado de ser algo para que eu faça isso ou aquilo no sentido da realização do homem. No âmbito dessa serviçalidade, cada coisa não tem apenas uma relação em vista de um fim ou objetivo, senão que se desdobra em muitas relações, com trajetórias distintas. Significa dizer que cada coisa serve para outra, que serve para uma terceira e, assim, sucessivamente, constituindo uma cadeia de **meios para**, sendo que uma mesma coisa pode integrar cadeias diversas.

O teórico espanhol denomina *campos pragmáticos* ou *campos de assuntos ou importâncias* a essas séries de objetos relacionados, às arquiteturas de serviçalidade que formam e que consistem em mundos particulares, como o mundo da guerra, o mundo dos negócios, o mundo das ciências, que integram nosso mundo. Estamos, aqui, na quarta lei estrutural, que faz

¹⁸ Daí porque a verdade, para Ortega, reveste-se do caráter histórico, isto é, tem local e hora para se revelar. Nestes termos, nada representaria para Galileu certas teses da Teoria da Relatividade ou a descoberta de Fleming para o século XV.

Vemos uma certa familiaridade entre a ‘circunstância’ de Ortega y Gasset, relacionada com a vida do homem, e os conceitos de ‘paradigma’ e ‘ciência normal’ de Thomas S. Kuhn, vinculados à ciência – In.: A estrutura das revoluções científicas, p. 13, 43 e 44. Queremos apenas acenar para um estudo futuro.

¹⁹ A Teoria do Conhecimento de Ortega consiste em considerar o ponto de vista individual o único desde o qual se pode ver o mundo. Outras formas correspondem a artifícios através dos quais, não obstante sua utilidade instrumental para o próprio conhecimento, não se vê o real. Assim, o homem que conhece não é uma razão pura, um meio transparente, constante e invariável, nem sua apreensão da realidade provoca nesta deformações. A função do sujeito é a de um crivo pelo qual retém parte dos elementos que constituem o real, de acordo com sua capacidade receptiva, e deixa passar despercebido ou ignorado todo o restante, tratando-se, pois, de um processo seletivo. Da mesma forma acontece a cada povo, a cada época, a cada sujeito, enfim, que é capaz de descobrir certas coisas e incapaz de descobrir outras. Em suma, cada sujeito é um ponto de vista sobre o universo e um órgão insubstituível para a conquista da verdade. Para abordagem mais ampla desta temática, remeto à leitura de meu livro: A teoria da história em Ortega y Gasset a partir da razão histórica.

sobressair o aspecto dinâmico das relações ativas, designadas, por isso, como *campos*.

Isto posto, podemos perceber porque Ortega y Gasset intitula essas leis de estruturais: elas não definem as coisas do mundo, mas a estrutura deste. Também temos as razões pelas quais o mundo se nos apresenta diverso e único para cada homem, para cada povo, para cada época. Cada um desses sujeitos tem a verdade em sua perspectiva, em sua apreensão parcial da realidade, inesgotável de aspectos, e não cabe a nenhum a prepotência de se achar detentor da totalidade (que, nestes termos, quando é totalizada o é totalitariamente). É do entendimento de Ortega que sempre temos o que aprender com outras culturas, com o estranho ou o estrangeiro, com a paisagem que nos rodeia, com o outro eu; sem essa aprendizagem não realizamos nossa vida autenticamente.

“Em todas as suas dimensões, pois, é nossa existência, em sua constituição, um confronto perene dos dois elementos heterogêneos - o homem e seu antagonista...”²⁰, escreve, o homem e o que o rodeia, o aprisiona e também lhe serve de trampolim para realizações que se constituirão novas circunstâncias.

As interpretações que herdamos nos têm afastado dessa compreensão e postura em relação ao mundo, ao homem, à sociedade. Assim, contamos, por exemplo, que a razão humana é uma função parcial do *lógos* divino e que é perfeitamente adequada para conhecer a realidade como é em si; que o homem pode concretizar seus pensamentos, purificados do instinto e da sensibilidade, comuns ao homem e ao animal. Confiamos na consagração da soberania da razão, único “tópos” onde pode alojar-se a verdade indubitável. O solipsismo racionalista (existo eu e meus pensamentos) e o psicologismo empirista reforçam a concepção de homem como lobo do homem, num individualismo liberal que caracteriza a modernidade.

Além da nítida distinção e separação entre homem e natureza realizada apenas pelo homem (de uma cultura, numa fase histórica específica), integram o mundo conceitual, tomado como realidade, diferenças tais como entre idéias claras e confusas ou obscuras, teoria e prática, razão e sentimentos, razão (verdade) e vida. Não somente eleva-se na História a consciência de si humana acima de todo o resto da natureza, como do homem em relação ao próprio homem.

Também integrando esse repertório, com significativa influência, está a concepção de que a trajetória humana não precisa de uma explicação diferente da que damos ao desenvolvimento dos animais; ela nada mais é do que um prolongamento da evolução da inteligência técnica.

Estas crenças (no sentido orteguiano), embora apresentem aspectos contrários entre si, conjugam e fazem vigorar predicados que convergem para a justificação de qualquer comportamento individualista, subjetivista, egocêntrico. Mesmo aquele que deixou de crer, de tomar estas interpretações como realidade, não se despojou completamente desses ingredientes de sua vida. Isto se torna mais perceptível, quando nos deparamos com diferentes concepções de História e Sociologia, por exemplo, e constatamos que essas diferenças têm por fundamento noções essencialmente diversas sobre a essência, estrutura e origem do homem.

²⁰ Jose ORTEGA Y GASSET, Em torno a Galileu, p. 177.

Conclusão

Estas considerações, sobre os conceitos do homem a respeito de si próprio radicadas em nossa realidade hodierna, objetivam salientar o papel e a importância da teoria orteguiana, centrada no conceito de circunstância. Fazem sobressair as razões pelas quais as importações das soluções de outros sujeitos, sejam pessoas, povos, nações, não resolvem nossos problemas. Em Ortega y Gasset a verdade inalienável da vida concreta, considerada na modernidade confusa e obscura, desaloja a soberania da verdade do mundo dos prótons e elétrons, dos quantas e fótons; do mundo dos sofisticados cálculos integrais, diferenciais, da economia abstrata, enfim, mostrando o distanciamento entre uma e outra. Em vez de subjetividade, aparecem os conceitos de inter-subjetividade, herança, convivência, solidariedade real, democracia do ser. Substituindo a concepção do individualismo, assume a concepção ecumênica das ações humanas, o sentimento de unidade com o cosmos o que, por certo, implica em novas perspectivas éticas e políticas. Com efeito urge o despertar de novos caminhos do afazer vital humano nesta virada de século, especialmente no que compete às gerações contemporâneas construir e legar.

ABSTRACT: The use of ‘circumstance’ relative to human behavior is present in the academic environment without having a meaning of its own. The concept about who man is are formed from the standpoint of contemporary reality and, vice-versa, traditional anthropological conceptions support the “status quo”. It is shown that the concept Ortega y Gasset give to the word, changed into belief, may alter mentality with significative ethical and political implications.

Bibliografia

- 1) ORTEGA Y GASSET, Jose. *Obras Completas*. 6ª ed., Madrid: Revista de Occidente, 1966. Volume I.
- 2) _____ *Obras Completas*. 6ª ed., Madrid: Revista de Occidente, 1966. Volume II.
- 3) _____ *Obras Completas*. 6ª ed., Madrid: Revista de Occidente, 1966. Volume IV.
- 4) _____ *Obras Completas*. 6ª ed., Madrid: Revista de Occidente, 1966. Volume V.
- 5) _____ *Obras Completas*. 6ª ed., Madrid: Revista de Occidente, 1966. Volume VI.
- 6) _____ *Obras Completas*. 6ª ed., Madrid: Revista de Occidente, 1966. Volume VII.
- 7) ————. *Em torno a Galileu*. Petrópolis, Vozes, 1989.
- 8) ENCICLOPÉDIA Novo Conhecer. São Paulo: Abril Cultural, volume V.